



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. Dantas;—*As pombas*, versos, trad. de Alberto Pimentel;—*Pelo asphalto*, por D. Guiomar Torrezão;—*O irmão de Tolentino e o general Forbes Skellater*, por Pinheiro Chagas;—*Os excetricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*O casamento do mar*, conto phantastico, por Eugenio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*Ao vento*, versos, por Eça de Almeida;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Cegueira e amor*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O conde Giovanni Salina Armanci*;—*Couracado «Vasco da Gama» vulgo o «Pimpão»*;—*Um aprendiz de gatuno*;—*Typos da costa d'África*;—*Marabutos da Goréa*.

### CHRONICA

A Chronica, hoje, está abarrotando d'assumpto.

E quando não estivesse, bastar-lhe-ia, para encher uma longa pagina, cantar este ceu radioso que põe symphonias de luz no espaço, accordando a primavera somnolenta e fazendo figas tortas ao paspalhão do inverno la-crimejante.

Noticiaram as gazetas coscovilheiras que tem havido por ahi muitos raptos, muitos casamentos, muita scena d'amor *sous les tilleuls*. Não me admira nada. O contrario é que seria para admirar.

Quando os passaritos noivam alegremente pelos beirões dos telhados e



O CONDE GIOVANNI SALINA ARMANCI

na ramaria verde dos platanos, beijando-se sob as caricias tepidas d'este bello sol peninsular, tão formoso e tão casamenteiro, não é muito que a humanidade noive também, pelos campos fóra, á beira das estradas floridas. Quando Deus creou o Amor, não o tornou pertença exclusiva d'um syndicato de andorinhas. N'esse tempo ainda não havia syndicatos, nem monopolios. Inventaram-se muito mais tarde, depois da introdução do cigarro brejeiro no rol dos nossos vicios.

Ora, estando provado que os parades e as toutinegras não monopolisaram o Amor, como o sr. Marianno de Carvalho monopolisou o tabaco, é negocio corrente que cada qual se ame á sua vontade, sem pagar dizimos nem tributos, quando um sol d'estes lhe vem tocar a rebate no coração e aquecer o sangue nas veias.

Foi sentindo aquelle toque estranho, cheio de sonoridades estonteadoras, que a creada da sr.<sup>a</sup> Theodorini, uma francezita loira e picante, se deixou raptar ha dias. E o que me espanta, em boa verdade, é que a propria sr.<sup>a</sup> Theodorini não fosse raptada também!

Decididamente, a guitarra dos nossos Almagivas só é susceptivel d'accordar echos nos corações das creadas de servir. Quando passa da cosinha para os *boudoirs*, desafina, emmudece, não dá nota. E' a isso, sem duvida, que nós devemos a ventura de continuar a ouvir a *Giocanda* pela illustre *diva*, em S. Carlos.

E já que fallamos de coisas lyricas, vem a talho de foice registrar um acontecimento notavel da semana—a resurreição da *Luiza Miller*.

Eu bem sei que tu não gostaste, querida leitora. Habituada ás opulencias de instrumentação do modernissimo repertorio, áquelle fogo de artificio espaventoso queimado pelos timbales e pelos metaes no campo da orchestra, d'onde os novos compositores arrancam effeitos estranhos e surprehendentes, já não consegue encantar-te a musica suave e sentida com que te embalaram no berço. *Spartitos* de realejo, lhe chamarás tu, entre desdenhosa e enfastiada. Todavia, minha boa amiga, essa musica de realejo atravessou duas gerações inteiras; era a musica dos nossos avós e dos nossos paes. A que hoje ahí se ouve e nos fascina como tudo quanto é mirabolante, não atravessará talvez uma decada, não chegará sequer aos nossos filhos, podes crel-o.

Mas não discutamos. Tu és moderna, eu sou antigo. Pertença ao *dilettantismo* que se deliciou com a *Luiza Miller* ha vinte e tantos annos. Um velho, um atrazado, um retrogado, um segundo volume da encyclopedia musical que se chama José Carlos de Freitas Jacome.

Lá estava, no seu posto, celebrando alegremente a exumação da velha *Luiza* de Verdi. Havia de o ter visto. N'essa noite memoravel não faltou ao *rendez-vous* nenhum dos *dilettanti* de 1840. É por isso que a plateia apresentava o aspecto venerando d'um senado em dia de votação grave. Calvas respeitaveis e luzidias alvejavam aqui e ali, emergindo d'entre o negro solemne das casacas, como d'entre os negros cyprestes emergem, no cemiterio, as brancas pousadas da Morte. E nenhuma d'essas calvas—*mirabile visu!*—pendeu somnolenta sobre o peito do seu proprietario. Todas se conservaram erectas até ao fim do espectáculo. Nem José Carlos fez a sua rapozeira, como costuma, nem o sr. Pinto Coelho cabeceou. É que se tratava de solemnizar um grande acontecimento lyrico, e o fazer ó ó n'aquellas circumstancias, seria o maior de todos os desacatos. Depois, a partitura do glorioso author do *Othello* evocava nos seus espiritos recordações saudosas d'um passado risonho e deudejante, d'uma quadra patusca e alegre, em que as gazetas e o publico não descompunham ainda o sr. Pinto Coelho por ser onzeneiro na distribuição da agua da Companhia. Bons tempos esses, felizes tempos! Havia trinta annos de menos, então, e trinta annos não é coisa que passe por cima d'uma pessoa

sem lhe levar muito cabelo e sem lhe deixar muita saudade. S. ex.<sup>a</sup> que o diga.

Não faremos côro com os que reputaram esmerada e correcta a interpretação da *Luiza Miller*, como não o fazemos com aquelles que desejam ver banida do nosso theatro lyrico a musica do velho repertorio, onde o canto é largo, inspirado e riquissimo de melodias adoraveis.

Se estivessemos dispostos a fazer critica—Deus nos defenda d'isso—diriamos mesmo que a opera foi mal cantada, e que só a batuta vigorosa e magica de Mancinelli a salvou d'um tremendo fiasco.

A pequenina Bendazzi é, incontestavelmente, um formosissimo talento, mas não chega á craveira da Rey-Balla e da Bianchi, mesmo que mande altear ainda mais os saltos dos seus sapatinhos *mignons*.

E a proposito: annuncia-se que a gentil cantora vae dar-nos a *Norma*, brevemente. E' engano, por certo. Uma afilhada da *Norma* é o que ella nos poderá dar: afilhada, ou neta, quando muito.

Outra novidade, mas essa não tem nada de lyrica. Chegou o inglez Cumberland, um adivinho, um magico, um novo Edipo, um pantomineiro muito loiro e muito correcto, que desvenda todos os mysterios, que decifra todos os problemas, lendo nos espiritos, nos corações, na consciencia e nos olhos do proximo.

E á fé, que chegou na melhor occasião o portentoso adivinho.

Debtem-se para ahí uns assumptos em demasia graves no campo da politica europea e da politica indigena.

Ninguem sabe ao certo se haverá guerra, e se o macacão do Bismarck logrará eleger um *Reichstag* accommodaticio que vote os seus decantados projectos. Affirma-se que o nosso governo fez um accordo com os portadores dos titulos do emprestimo de D. Miguel, e o sr. ministro da fazenda nega-o redondamente.

Ora é sobre tudo isto que eu preciso consultar o adivinho Cumberland, para saber em que lei vivo. Quero apagar do meu espirito umas negras duvidas que o saltêam, formular um juizo seguro ácerca das intenções de Bismarck e dos propositos do sr. Marianno. Porque emfim, havendo guerra, desejo preparar-me para todas as eventualidades, muito socegradamente; e tendo havido o tal accordo de que rezam as folhas, compro um apito.

Assim como se fez muito amor durante a semana inteira, também se dançou immensamente por esses salões dourados do grande mundo lisbonense. Baile na legação d'Italia, baile no palacio feerico dos condes de Daupias, baile em casa da sr.<sup>a</sup> duqueza d'Avila e Bolama. A *Chronica* não teve a honra de tomar parte no *cotillon* de nenhum d'elles, mas chegou-lhe aos ouvidos que foram movimentados e brilhantes. Nobreza obriga.

Nos salões publicos também houve bailes, mas não se dançou de casaca, tripudiu-se de dominó réles; não se tomou chocolate, bebeu-se vinho do Termo; não se fez espirito em *cotillons* alegres, de marcas variadissimas, fez-se o *brouhaha* atroador das orgias baratas.

Significa isto que estamos chegados mais uma vez aos dias do Carnaval, em que o gado humano, como disse algures Guy de Maupassant, se diverte em massas, em rebanhos, dando largas á sua bestial toleima.

N'esses dias, a besta humana desprende-se das correntes da delicadeza, da civilização e da lei, que a tiveram preza um anno inteiro. Posta em liberdade, diverte-se segundo a sua natureza de bruto.

Preparemo-nos pois p.ra o sacrificio de a vermos desenfreada por essas ruas fóra escoiceando o decoro é o bom senso. O entrudo de 1887 vae solta-a.

C. DANTAS.

## AS POMBAS

(De Theophilo Gautier)

Sur le coteau, là-bas où sont les tombes,  
Un beau palmier, comme un panache vert,  
Dresse sa tête, où le soir les colombes  
Viennent nicher et se mettre à couvert.

Mais le matin elles quittent les branches:  
Comme un collier qui s'égrène, on les voit  
S'éparpiller dans l'air bleu, toutes blanches,  
Et se poser plus loin sur quelque toit.

Mon âme est l'arbre où tous les soirs, comme elles,  
Des blancs essaims de folles visions  
Tombent des cieus en palpitant des ailes,  
Pour s'envoler dès les premiers rayons.

Na collina dos mortos, entre os tumulos,  
Ergue a bella palmeira a verde pluma,  
E á tarde as mansas pombas de azas candidas  
Vão aninhar ali, uma após uma.

De manhã, quando o sol desperta rutilo,  
As brancas pombas vão, cortando o ar,  
Como um solto collar no azul ethereo,  
Longe do ninho um tecto procurar.

Minha alma é como a solitaria arvore  
Onde enxames de loucas illusões  
Poisam á noite. Fugitivos hospedes,  
Vão-se co'a luz as pombas e as visões.

8-2-87.

ALBERTO PIMENTEL.

## PELO ASPHALTO

Paulo de Kock cultivou assiduamente o romance das portei-  
ras.

Ha dias, appareceu em Paris uma edição do romance do cabelleireiro. O auctor é um politico aposentado, que teve a habilitade de arranjar tres mil libras de renda, armando carapetões á credulidade publica, a proposito dos homens e dos acontecimentos do Imperio.

Ultimamente, o farçante arranjou uma *mise-en-scene* chez Dumont, o conhecido cabelleireiro de Regent-Street, e poz em scena dois personagens: O pobre principe imperial, empolgado pelos Zulus, e uma miss loira e branca como um sorvete de leite.

A comedia, representada por detraz do biombo, terminava pelo apparecimento de um berço, onde dormia, embrulhado em cambraias e rendas, um *baby* que dava pelo nome de Wattoine, que fôra creado em Bercy e que ia ser educado no seminario de S. Nicolau.

Afinal, o cabelleireiro Dumont por um lado, e uma minuciosa investigação judicial pelo outro, destruíram essa fabula, que não encerrava o menor interesse, senão para um condiscipulo do principe, e onde o malaventurado Bonaparte desempenhara o simples papel de comparsa, e comparsa mudo!

O filho de Napoleão III não legou posteridade, nem mesmo a obliqua posteridade da mão esquerda. *E finita la musica!*

Infeliz principel! Em vez de deixar partir da sua alma o loiro enxame das ardentes fantasias, em vez de sorver inebriado o divino nectar da paixão, em vez de deixar cantar nas veias a *musica do sangue*, definição que Calderon dá ao eterno amor; em vez de ser moço, de ser feliz, de espalhar ao vento as canções da sua juventude, de beber no ar o perfume das suas chimeras, de desfolhar caprichosamente, para tornar a colhel-as, cada vez mais viçosas, as flores das suas esperanças; em vez de gosar plenamente a vida, de amar e ser amado, o pobre rapaz encerrou os seus ridentes vinte annos no sombrio mysticismo, como um monge dentro de uma cella, fugiu ao amor, que lhe estendia os braços, e partiu para a morte ingloria, imbecil e inutil, dada pela lança de um zulu, de um selvagem inconsciente, que matou o principe, com a mesma feroz impassibilidade com que mataria um cavallo ou um reptil.

Pasteur, o grande chimico, o glorioso humanitario, acaba de inaugurar em Menton os cursos da Associação das damas francezas. Esta utilissima e benemerita associação, a associação do amor e de caridade, funciona em Paris, na rua João Jacques Rousseau.

Todos os annos celebra ella uma serie de conferencias, cujo principal intuito consiste em ensinar ás mulheres o melhor modo de tratar os feridos durante a guerra.

A primeira conferencia é feita pelo doutor Thermes.

A piedosa Associação, que desejaria ver secundada em Lisboa, leva mais longe a sua acção bemfazeja, fazendo-se representar em todas as obras de caridade patriótica.

Ha tempo, enviou mil francos aos inundados do Sul, e n'este momento distribue dois mil e duzentos francos pelas pequenas aldeias, onde a miseria exerce mais descarovelmente a sua tarefa de devastação.

Estas conferencias, que teem por objectivo os doentes, os feridos, as victimas da triste condição humana, teem por especial missão ministrar ás mulheres a sciencia de enfermeiras, tão ne-

cessaria não só no campo da batalha, como nas batalhas da vida. As mulheres são as naturaes enfermeiras da humanidade; a sua inexperiencia, porém, nem sempre lhes permite o exercicio d'essa tarefa de amor, que as levanta pela abnegação ao nivel das santas, e que as faz assimilharem-se, postadas á cabeceira de um leito-de dor, ao anjo da guarda.

Um curso identico, em Lisboa, um curso que se propozesse diffundir as principaes noções, tão necessarias a toda a gente, sobre hygiene, anatomia, phisiologia, pathologia, etc., seria de uma utilidade incontrovertida.

Nos collegios, onde se ensinam as prendas amaveis e as prendas inuteis, desde as escalas no piano até ao ponto russo, no bastidor, nenhum professor se occupou em tempo algum de iniciar o seu discipulo na sciencia, por meio da qual lhe seja facultado conhecer o mechanismo do corpo humano, as causas que presidem á sua harmonia organica e aquellas que determinam o seu desequilibrio phisico.

A nossa perfeita ignorancia chega ao humilhante excesso, não só de não sabermos applicar o remedio ao mal de que sofremos, como de nem sequer conhecermos as palavras que conviria empregar para explical-o ao medico.

Esta crassa ignorancia das leis que regem os phenomenos phisicos não é só deploravel, é tambem ridicula.

Um chronista parisiense, deplorando ha dias esta lamentavel lacuna na educação, que é de todos os tempos e de todos os paizes, escrevia espirituosamente:

«Conhecer uma pessoa a qualidade do veneno que Nero empregou para matar seu irmão Britannicus, e ignorar o motivo em virtude do qual não póde, uma bella manhã, levantar-se da cama! Saber-se, precisamente, o grau pelo qual Luiz XIV descende de S. Luiz, e ignorar-se a causa que originou a syncope da esposa, á mesa, ou ao fogão! Estarmos ao facto que foi durante um passeio com o eleitor de Mayence que Leibnitz achou a theoria do movimento, e não conhecermos os primeiros symptomas do crup que fere nosso filho e nos permite apenas o tempo indispensavel para chamar o medico!»

Não será tudo isto lamentavel e até vergonhoso?

A moda attrae n'este momento a caprichosa parisiense para a capoeira. Depois da mania dos cavallos, que fez da equitação em Paris, um estudo obrigatorio em relação a uma menina que ia presa, da mania dos elephantos, que inspiraram paixões ardentes e canções popularissimas, da mania dos gatos e da mania dos cães, da mania das plantas de estufa,—de todas a menos prosaica, aquella que melhor se adapta ao instincto de elegancia, innato na mulher,—a mania das gallinhas, que não é seguramente a mais poetica.

A capoeira, objecto do cuidado assiduo da esposa, figura hoje ao lado da cavallariça, que absorve as atenções do marido.

As parisienses votam-se, noute e dia, ao estudo de aperfeiçoarem os gallinaceos, educando os pintos, aquecendo-os ao seio, como se se tratasse dos seus loiros bebés, apurando-lhes a raça, aformoseando-os, applicando-lhes o processo por meio do qual as aves se desenvolvem, adquirindo a nutrição, a gordura tenra, que é o desespero da mulher e o encanto da gallinha, um encanto ephemero, como a maior parte dos encantos, por isso que depois de crear com amor as suas aves, a parisiense saboreia-as com truffas á sua mesa!

Nenhuma dona de casa prescinde hoje do chic de convidar os seus amigos para comerem juntos *leur élève*, como ellas dizem.

*Leur élève*, como se presume, não é só a gallinha.

Outras especies de aves, taes como os patos, os perus, os pombos do Connecticut, as patas da Noruega, merecem igual dedicacão, que até hoje era partilha exclusiva dos canarios e dos papagaios.

A capoeira aristocratiza-se.

Em seguida á idade de oiro, a idade de prata e a idade de ferro.

Estaremos nós, por acaso, na idade animal?

*Chi lo sal!*

GUIOMAR TORREZÃO

## O irmão de Tolentino e o general Forbes Skellater

E' tão raro em Portugal encontrar quem revolva os archivos publicos a particulares que d'elles arrancar alguns elementos, para os estudos historicos e biographicos tão descurados em Portugal, que não temos animo de largar o folheto do sr. visconde de Sanches de Baena sem lhe arrancar o que elle ainda encerra de curioso. Em Portugal, effectivamente, os homens que trabalham são aquelles que têm o seu tempo todo tomado pelas mil occupaões da imprensa periodica, ou do professorado, e que por conseguinte mal podem entregar-se a investigaçoes que demandam pausa e paciencia e despezas. Os que têm meios e tempo, e que os empregam n'estas investigaçoes, são *rari nantes* n'este *gurgite vasto* da ignorancia e da indifferença nacional.

Houve um que nos deu as mais alegres esperanças. Os folhetos que publicou a respeito do casamento da filha do duque de Bragança com o infante D. Duarte, da carta de marca de João Ango e do exilio do conde de Castello-Melhor, são tres obras primas, que infelizmente parece-nos que não hão-de ter continuação. Chamava-se Fernando Palha esse erudito, sagaz e intelligentissimo investigador. Um bello dia, porém, veio a politica, e fizeram-n'o *almolucé do seu bairro*. Forte semsaborão ganhou a patrial diemos nós sem escandalisar com isto o digno presidente da camara municipal de Lisboa, porque a phrase é de Garrett, e applicava-a Garrett a si proprio. Pode-se ser semsaborão na companhia do mestre, que foi o homem de mais fina graça que teve Portugal.

Se nos levam tambem o sr. visconde de Sanches de Baena estamos promptos. Fica-nos o sr. Manoel Bernardes Branco, pessoa muito reinadia, que nos conta anedoctas velhas, e que ate fez do grande D. Francisco Manuel de Mello um sachristão de Odivellas!

Antes porém de dizermos duas palavras do irmão mais novo de Nicolau Tolentino, e de aproveitarmos os interessantes apontamentos biographicos do general Forbes Skellater, permitta-me o sr. visconde de Sanches de Baena que, depois de lhe agradecer a referencia que fez ao meu nome quando o indica como d'um dos que estudaram as obras de Tolentino, lhe observe que não foi no rapido artigo do *Diccionario Popular* que estudei a physionomia litteraria de Nicolau Tolentino, mas sim n'uma serie de artigos publicados no *Panorama* com o titulo *As satyras de Tolentino*.

Vejamos porém quem era esse outro irmão do poeta, de quem até agora só fallamos de relance, e do qual tambem agora pouco diremos, porque, a sua vida não foi abundante de peripecias. Chamava-se Francisco de Paula de Almeida e nascera em 1744. Sentou praça em 1763, foi reconhecido cadete em 1764, e vinte e nove annos depois era tenente no regimento de Peniche. Não se pode dizer que tivesse tido uma promoção muito rapida. Seguiu o seu regimento á campanha do Roussillon, foi ferido, e logo depois promovido a capitão, por proposta do general Forbes, que exercia o commando em chefe da expedição. Terminada a campanha, foi promovido a major, ou sargento-mór, como então se dizia, e nomeado commandante do forte de S. Pedro de Paço d'Arcos, o que era uma perfeita sinecura. O forte já n'esse tempo era um forte pacifico, tendo por guarnição apenas algum bando de galinhas, cuja postura o major Francisco de Paula vigiava com circumspecção se não occupava de preferencia as suas longas horas de ocio a fazer versos, porque dizem que não tinha estro inferior ao de seu irmão, d'elle não restam porém poesias algumas.

Esse forte de S. Pedro, commandado pelo irmão de Tolentino, é o forte em que está hoje estabelecida a escola de torpedos.

Como porém foi o general Forbes Skellater quem promoveu Francisco de Paula por distincção, o sr. visconde de Sanches de Baena aproveita o ensejo para dar algumas informações ineditas a respeito d'este distincto official que tanto honrou na campanha do Roussillon as armas portuguezas.

Completemos com esses curiosos apontamentos a noticia que do general Forbes se dá no *Diccionario Popular*. Diz-se ahi que

Forbes nascera na Escossia no seculo passado, que pertencia a uma familia illustre d'esse paiz, mas que se não sabe em que anno entrara ao serviço de Portugal. Ahi vão agora as informações complementares do sr. visconde de Sanches de Baena.

João Forbes Skellater nasceu na Escossia em 1719, sendo filho de Jorge Forbes Skellater e de sua mulher Christina Joanna Gordon, senhora de origem franceza. Effectivamente a familia do nosso illustre general era uma familia illustre, porque era a dos barões de Skellater e os descendentes d'esta familia occupam ainda hoje alta situação em Inglaterra. A esta familia pertencem os duques de Gordon, com ella foi apparentado lord Byron, e não sabemos se tambem o general Gordon, que tão famoso se tornou nas campanhas do Egypto, a esta familia pertencia.

Não nos diz o sr. visconde de Sanches de Baena como foi que João Forbes veio para Portugal, mas é muito natural que fosse seu pae que entrasse ao nosso serviço, porque quando João Forbes sentou praça no exercito portuguez em 1730 tinha apenas 11 annos. Evidentemente seu pae estava em Portugal, e provavelmente servia no exercito, porque de outra forma não se teria lembrado de sentar praça a um filho, ainda criança.

O *Diccionario Popular* só começa a ter conhecimento da carreira militar de Forbes, quando o encontra em 1767 tenente coronel do regimento de Peniche, promovido a coronel do regimento de Elvas. Podemos agora preencher estas na e rectificar um erro: João Forbes foi promovido a tenente em 1747, a capitão em 1756, e em 1763 por ordem do conde de Leppe foi nomeado para commandar a companhia de granadeiros do regimento de Peniche, o que era uma honra porque as companhias de granadeiros eram então companhias *d'élite*. Em 1764 foi promovido a major, ou sargento-mór, como se dizia, em 1766 foi nomeado tenente coronel do regimento de Peniche, e finalmente em 1767 foi promovido a coronel mas não para o regimento de Elvas como se diz no *Diccionario*, para o regimento de cavallaria de Almeida, sendo transferido para o de Elvas em 1773.

Em 1775 foi nomeado brigadeiro, conservando porém o exercicio do posto de coronel e o commando do regimento de cavallaria de Bragança. Em 1778 foi nomeado governador das armas da provincia da Beira, e em 1789 marechal de campo sem deixar a sua corouelia. Cavalleiro professo da ordem de Christo em 1779 foi nomeado commendador de Aviz em 1793, recebendo a commenda de Forno de Palhães. N'esse mesmo anno de 1793 foi promovido a tenente general graduado.

Foi então que rebentou a guerra que offereceu a Forbes Skellater ensejo para sair da obscuridade a que estava fatalmente condemnado. Pois já não era novo, quando a gloria vinha assim sorrir-lhe e acariciá-lo. Tinha 74 annos e nosso tenente general, mas uns verdes 74 annos, uns 74 annos de montanhez da Escocia, que, apesar de ter saído tão novo da sua terra natal, parecia ter sido enrijado pela brisa do Highlano, e pela nevoa dos *lochs* ou lagos limpidos e azues, que ainda guardam no seu transparente espelho a tragica imagem de Maria Stuart.

Organizada a divisão auxiliar que devia ir combater com as forças hespanholas contra os exercitos da republica franceza, foi o Marquez das Minas nomeado commandante, mas sobrevieram inconvenientes de saude, ou quaesquer outros motivos que se acobertaram com esse pretexto, e foi o velho general Forbes quem recebeu definitivamente o commando.

A campanha do Roussillon foi gloriosissima para as nossas armas, e Forbes ganhou louros immarcessiveis. Não lhe faltaram recompensas. A Hespanha deu-lhe a grã-cruz de Carlos III e o posto de tenente-general dos seus exercitos. Em Portugal teve a effectividade do posto de que já tinha a grã-cruz de Aviz, o logar de inspector geral de infantaria, uma pensão de réis 400\$000 com sobrevivencia para suas filhas, a commenda de S. Julião de Punhete da ordem de Christo lotada em 800\$000 réis, e tambem com sobrevivencia, a commenda de Terena da ordem de Aviz etc. etc.

Em 1801 como se dizia no *Diccionario Popular*, commandou as forças portuguezas ao sul do Douro, e ao norte do Tejo, em 1804 foi nomeado inspector geral de cavallaria, como já o era da infantaria.

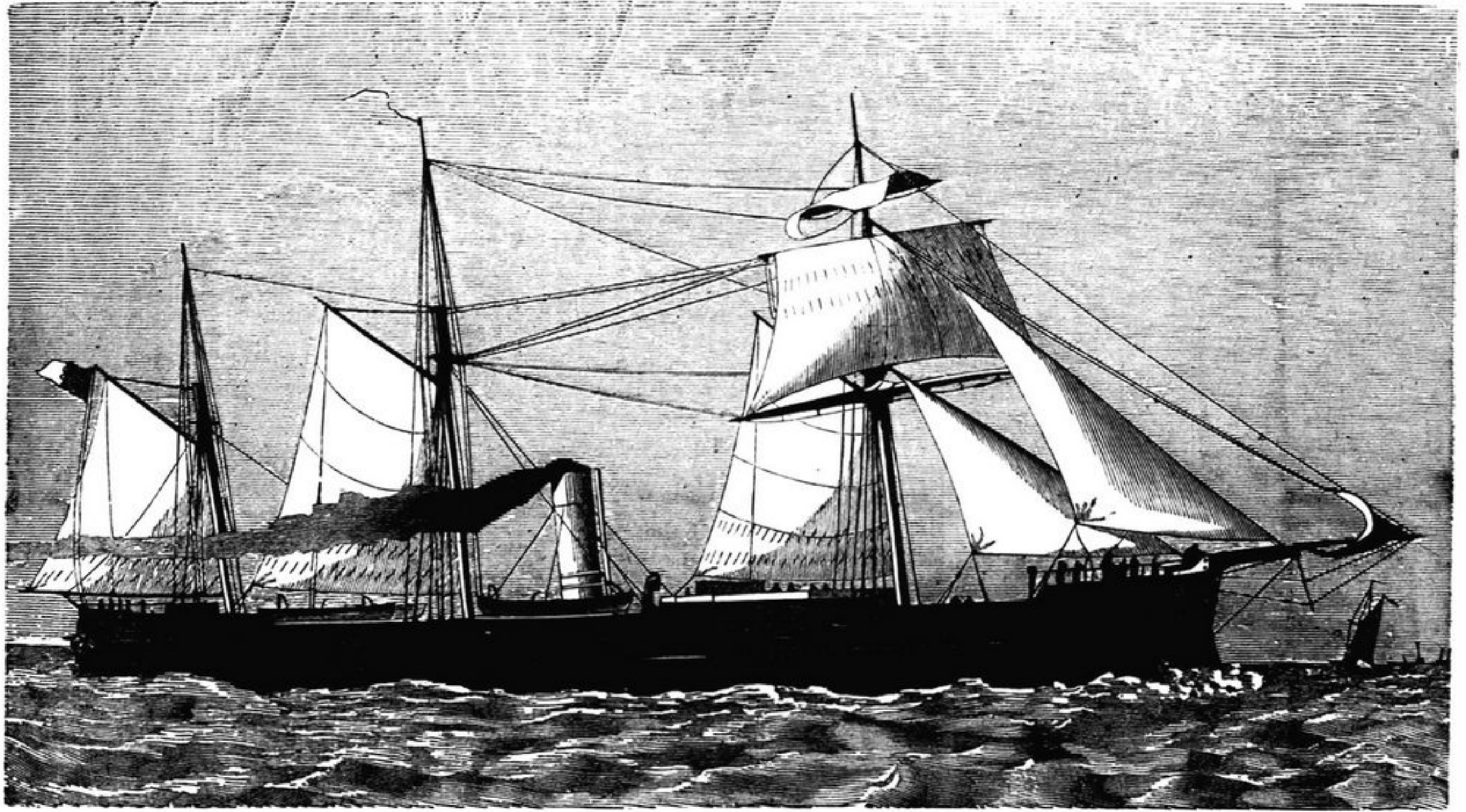
Tinha 88 annos quando os francezes entraram em Portugal, e, apesar de tão entrado em annos, não hesitou em acompanhar a familia real ao Brazil, fazendo uma viagem, que não tinha como as de hoje as commodidades, a rapidez e a segurança dos paquetes.

Pois chegou ao Rio de Janeiro com excellentes disposições, tanto assim que foi logo nomeado governador das armas da Côrte, e promovido a marechal de exercito.

Era impossivel contudo que elle exercesse por muito tempo estas funcções, a não ser que a Morte o houvesse esquecido. Effectivamente dois mezes depois de chegar ao Brazil, em maio de 1808, morreu com 89 annos de idade, sendo enterrado na igreja de Santo Antonio dos religiosos franciscanos,

E com esta rapida noticia da vida do general Forbes, colhida no interessante estudo do sr. visconde de Sanches de Baena, temos concluido o estudo que consagramos a esta recente publicação, que bem desejaremos que seja seguida por muitas outras.

PINHEIRO CHAGAS.



COURAÇADO «VASCO DA GAMA» VULGO O «PIMPÃO»

## OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

José Martins Rua

Foi o sr. D. Pedro IV infeliz com os seus cantores. Dois pseudo poemas epicos pretenderam desbravar-lhe o caminho da posteridade, os «Lusos» e a «Pedreida»: e ambos elles mais não fizeram do que tornar jovial a memoria do heroe, que dorme o somno eterno debaixo das abobodas severas e melancolicas do templo de S. Vicente de Fóra.

E' Portugal, com certeza, um dos paizes que maior numero conta de poemas epicos, desde «Os Lusíadas», o grande titulo de gloria nacional; até ao «Oriente» do padre José Agostinho de Macedo, o infeliz rival de Camões.

Ou por que a nossa epocha, toda de positivismo e descrença, se não preste ás ousadias da epopeia; ou por que tenha baixado o nivel intellectual dos cultores das musas, o facto é, que grande numero d'elles não só toca desafinadamente na *frauta rude* de que falla Camões, mas mostra completa negação para nos fazer ouvir os sons

...da tuba canora e bellicosa  
peito accende, e a côr ou gesto muda.

exemplicação d'esta verdade basta ler a «Pedreida» *roico da liberdade portugueza*, publicado no Porto em 1843, em por assumpto as galhardias militares do imperador D.

IV, e de que foi auctor José Martins Rua, honrado negociante de cereaes na villa de Caminha, sua patria; onde tambem exerce o cargo de administrador do concelho, a contento dos seus conterraneos.

Não foi o poeta Martins Rua o primeiro que descarrillou no caminho do Parnaso, ao querer imprevidente imitar os arrojados do fabuloso Icaro. Já um quarto de seculo anterior á publicação da «Pedreida» um outro poeta composera um poema csm seus laivos de politice intitulado «Europa roubada» dividido em seis cantos, assim christado pelo auctor: 1.º—*Alexandre na França*.—2.º—*Lgrimas de Napoleão*.—3.º—*Lgrimas de Maria Luiza d'Austria*.—4.º—*Napoleão em Portugal*, hoc est, *a guerra do velhaco*.—5.º—*Napoleão em delirios*, hoc est, *a casa dos orates*.—6.º—*Derrota final de Napoleão em jocosario*: que aos portuguezes expõe em oitavas seu auctor. Segue-se a assignatura do poeta, que por signal se chamava José Manuel Chaves, e consta ter sido natural de Val de Telhas, comarca de Moncorvo, na provincia de Traz-os-Montes.

Este nosso poeta, que poderia apresentar como attenuante á sua inoffensiva monomania do fezer versos o haver nascido em Val de Telhas, era medico de profissão (Deus nos livre de outros eguaes de ao pé da porta), e n'esta qualidade dera á luz um livro intitulado «Fabriologia», onde se descrevem o caracter, as causas e as especies das febres intermitentes, malignas e inflammatorias.»

Come foi que o medico de partido da camara municipal da villa de Graciosa, viu as costas a Esculapio para descambar o poeta epic? Não consta como se operou esta radical evolução do espirito cultivado do medico tradicional; o que se sabe é que a «Europa roubada» foi publicada em 1817, antecedendo assim dois annos outro poema do mesmo auctor, com este breve titulo, que faz lembrar os cabeçalhos dos editaes dos governadores civis, anchos de veneras, e ouriçados de nobilitações campanudas. O titulo do filho segundo do auctor da «Europa roubada» é este: «Nova Esther em Portugal: Poema que á rainha Sancta Isabel, mulher do senhor rei D. Diniz, fundadora do ducado de Bragança, protectora do reino portuguez, primeira fundadora e commendadeira da respeitavel ordem de Jesus Christo nosso Senhor e Salvador; defensora de Coimbra na funesta invasão dos francezes em 1808-1814; mãe dos pobres; madrinha dos afflictos, amparo dos desgraçados (cujo corpo certamente está inteiro no real convento de Santa Clara de Coimbra ha 171 annos)» canta... Segue-se a assignatura do poeta de Val de Telhas, a tomar a responsabilidade da Nova Esther em Portugal, poema que se compõe de 461 oitavas, sem divisão de cantos!

Nas escolas poeticas, como nas de pintura, como nas de musica, ha filiações que não deixam duvida no animo dos criticos, nem no espirito dos amadores intelligencias. Quem ler a «Pedreida», de Martins Rua não poderá furtar-se, ainda que o queira, a classificar-na na escola do auctor da «Europa roubada» e da «Nova Esther». Senão veja-se pela seguinte amostra, se ha, ou não ha paridade, na inspiração patriótica dos dois genios nacionaes:

Vai-te embora, musa, mais não digo  
Remonta-te ao alto do Parnaso,  
Nenhuma coisa mais quero contigo,  
Muito te tenho posto em campo raso:  
Consola-me tu só com teu abrigo  
Porque do mundo eu já não faço caso;  
O mundo é um carro com quatro rodas  
Sempre uma vai direita, as outras tortas.

E' com esta bella e melodiosa estrophe que se fecha o canto primeiro da «Europa roubada» não lhe ficando a dever nada a estancia trigessima terceira, do canto quinto, em que o poeta phantasia os resultados provaveis da batalha de Waterloo, imitando muito do Dante na pujança da metreficação, e não menos de Milton, na sombria propriedade das descripções. Oçam:

Francezes, queria Deus que eu me engane  
No meu ver prophético (homem só)  
Ou fuge o Trompoleão lá para os seus manes  
Deixando a Paris ardendo em dó,  
Ou esquartejado morre em crimes grandes  
Uma perna em Moscow, outra em Roma, oh!  
A cabeça em Lisboa; as entranhas vão  
Para os tigres da Xircania ou do Japão.

Quem se espantar dos imaginarios flagícios a que o poeta condemna Trampoleão (Napoleão, em estylo vulgar) recorde-se que pela mesma epocha choviam os pamphletos, em proza e em verso, contra o heroe de Austerlitz, em que o chulo da lingua pedia meças á furia retrospectiva dos patriotas em disponibilidade. Não admira, pois, que um poeta, de imaginação ardente escachasse Napoleão ao meio, atirando-lhe com uma perna para Moscow, e outra para Roma, reservando-se o praser de verdadeiro canibal de se ficar saboreando com a idea de que os tigres da Hircania, e do Japão, devorariam as entranhas de heroe.

Innocencio da Silva, no «Diccionario Bibliographico, apreciando o poema a «Europa roubada» conclue deste modo o seu juizo critico:

«Parece-me que já não restará duvida de que a este nosso medico transmontano compete de jus a honra de ter inaugurado no seu tempo a escola na qual depois se alistaram tão brilhantemente o auctor da «Pedreida» e outros modernos vates que com elle fazem côro! Opinião que é, por outras palavras exposta, a mesma que eu apresentei ácerca do élo que prende asi as varias escolas, tornando-as solidarias, e responsaveis, pelas bellezas defeitos das obras dos seus adeptos.

Tem a «Pedreida» dez cantos, isto é, mais quatro do que a «Europa roubada», e de que os «Lusos» outro poema epico da mesma escola, tambem consagrado a contar as nossas luctas civis, e a engrandecer as façanhas do partido liberal.

Pois apesar do seu mais largo folego, a «Pedreida» poema heroico da liberdade portugueza, como lhe chama o zeloso administrador do concelho de Caminha, seu auctor, conserva desde a primeira até a ultima oitava o mesmo entusiasmo, e a mesma originalidade, não lhe havendo causado impedimento á demonstração d'estas qualidades, praso em que foi escripto o poema, porque tendo terminado a guerra civil em 1834, já nove annos depois estava elle concluido.

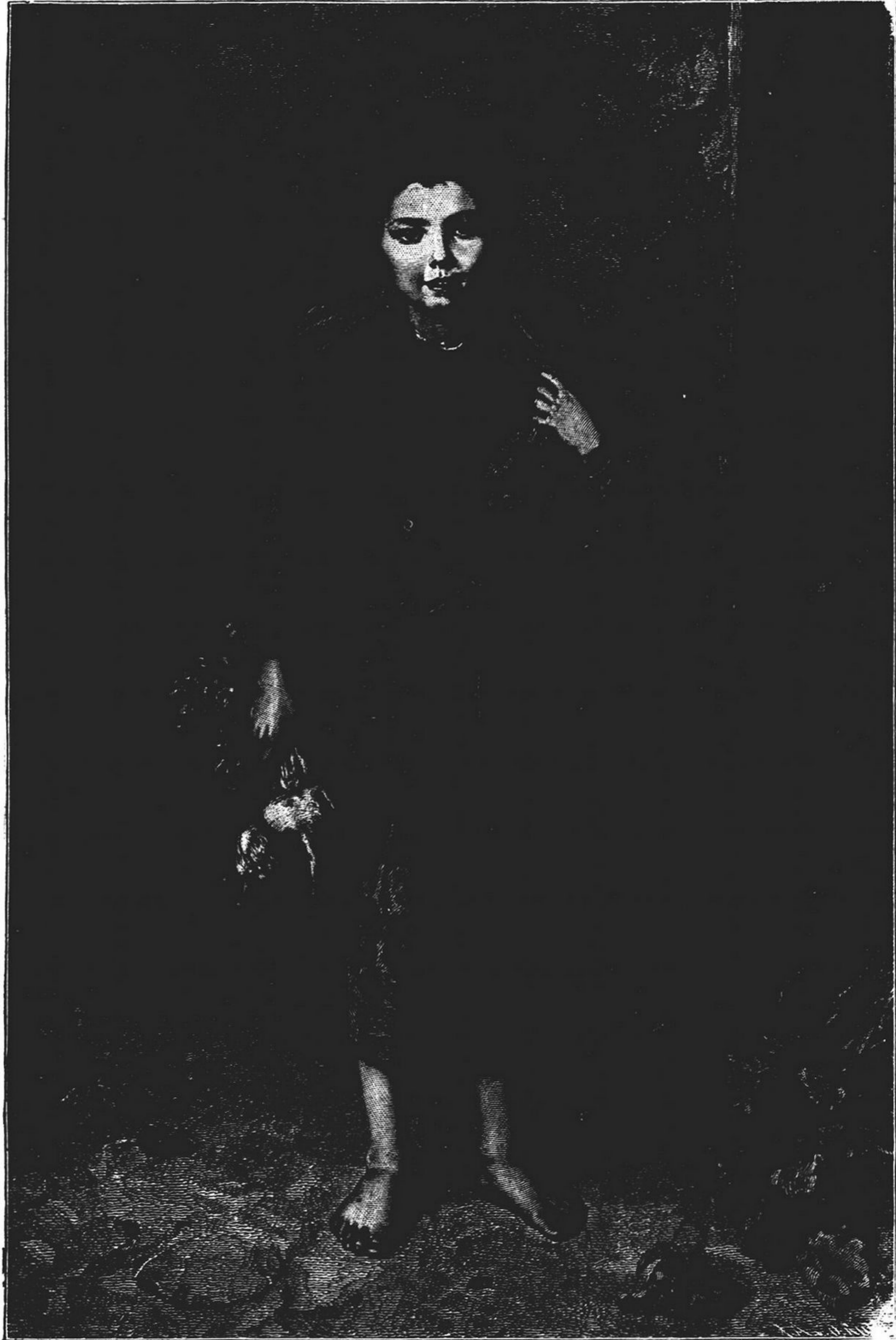
Um juiz não só de inquestionavel, mas de excepcional competencia em julgamentos litterarios, o primoroso poeta Antonio Feliciano de Castilho, que ao tempo da publicação da «Pedreida» redigia a «Revista Universal Lisbonense» ao receber o primeiro exemplar do poema, escreveu sem a mais leve sombra de inveja as seguintes linhas: «Com este titulo, «A Pedreida» sahio recentemente á luz um singular poema, cuja acção é o resgate de Portugal pelo sr. D. Pedro IV. O seu auctor não se havia ainda (que nós saibamos) feito conhecer como poeta. Seja-nos pois licito pôrmos os nossos leitores em estado de por si mesmos julgarem a obra, occupar com algumas estancias d'ella uma parte da nossa folha: tornal-as-hemos ao acenso.» E segue transcrevendo 27 oitavas do poema, das quaes o «Diccionario Bibliographico apenas apurou duas, contendo o bastante para pôr em evidencia o merecimento do poema. A primeira do canto quarto; e a segunda do canto oitavo.

A primeira diz:

Da meia noite já passava avante  
Em Lysia a mente Pedro só fitava,  
Com espirito ardente e vacillante  
Nas desgraças da patria meditava:  
Infortunios em monte cada instante  
Mente lhe suggeria e apresentava,  
Coração seu partindo-se em fatias  
Vendo-se exposto a tantas tropelias.

Ninguém de boa fé poderá negar que o coração de D. Pedro partindo-se em fatias, e «vendo-se exposto a tantas tropelias» não verá bem os deis memoraveis versos da «Europa roubada» em que Napoleão despornado, ainda depois serve de repasto não só aos tigres da Hircania, de tradicional ferocidade; mas até os do Japão, mais bonacheirões de que os seus collegas.

Ha porém na «Pedreida» uma oitava que a todas sobreleva pelo pictoresco da phrase e nos faz lembrar a descripção do Adamastor, nos «Lusíadas» guardadas as devidas proporções entre o que é artisticamente horroroso, e o que, por excesso de realismo, se torna nojenta. A oitava a que alludimos, é a em que o poeta caracteriza a figura da Peste, isto é, a cholera-morbus, que em 1832 invadiu a cidade do Porto, durante o memoravel cerco n'esta cidade. Deixar de a transcrever seria sonegar aos leitores uma das maiores bellezas do poema. Ella:



UM APRENDIZ DE GATUNO

Esta a cabeça tendo mui canhosa,  
Em tuberculos face, e todo o corpo,  
Lançava uma materia asquerosa  
Cheirando q' al de ha mezes corpo morto:  
Nauseanda, voraz, fedentinhosa  
Da similhaça humana feita aborto,  
Era a todos seu corpo tão horroroso,  
Qual figura hedionda de um leproso!

Mas, o seu a seu dono. A idea de fazer do Imperador D. Pedro IV o heroe de um poema epico, teve-a antes, de todos, Caetano de Moura Palha Salgado, publicando em 1836 o primeiro canto da sua «Lysia restaurada», antecipando-se assim sete annos á «Pedreida» e vinte annos aos «Lusos» podendo, por tanto, arrogar a si a gloria de haver estimulado as musas dos outros dois poetas epicos, seus confrades.

Aconteceu, porém, que no mesmo anno em que a «Pedreida» via a luz do dia, se arrependia o auctor da «Lysia restaurada» de haver publicado o primeiro canto do seu poema, escrevendo um folheto intitulado *Retractação do primeiro canto do poema «Lysia restaurada», que, para descanço da sua consciencia, publica seu auctor, o padre Caetano de Moura.*

O fogoso cantor da «Lysia restaurada» tomára ordens sacras, e assim se explica o seu horror ao poema, que escrevera aos dezoito annos, pouco depois de terminadas as nossas luctas civis. Em seguida á *retractação*, o poeta, já então presbytero, fazia cruses á politica, e á poesia profana, escrevendo no «Panorama» as «Bellezas do Sanctuario» e no jornal o «Escudo da Religião» um artigo «A decadencia lamentavel da igreja».

Acrisolando-se-lhe a fé, o ex-poeta da «Lysia restaurada» escrevia em 1853 e 1855 as *Lôas para se recitarem no cirio da Arrabida*, dando assim publico testemunho da sua modestia, e do desapêgo com que abandonára os loiros que mais tarde haviam cingir as fronte dos inspirados auctores dos «Lusos» e da «Pedreida.»

Como se vé, foram não menos de dois os poemas epicos completos, e um decimo de poema, posteriormente renegado pelo auctor, todo o peculio destinado pelos poetas contemporaneos a tornar immortaes os episodios da lucta fraticida que terminou em 1834.

Qual dos tres poetas foi o verdadeiro Homero da Illiada, que se desenlaçou com a convenção d'Evora-Monte? Decida-o quem, entre engenhos eguaes, souber aquilatar e dar preferencias odiosas entre poetas da mesma nativa inspiração, e do mesmo levantado estylo.

Eu é que, com certeza, não serei o imprudente que tal faça.

L. A. PALMEIRIM.

## O CASAMENTO DO MAR

(CONTO FANTASTICO)

*Bucentaure, navire de parade  
où le doge de Venise montait  
chaque année, le jour de l'Ascension,  
pour la celebration de son mariage symbolique avec  
la mer.*

P. LAROUSSE.

A's vezes, vae a gente caminhando por uma rua fóra, quando descobre, lá em cima, n'uma pequena janella muito alta, a cabecinha deliciosa de uma rapariga loira.

Trocam-se os olhares, depois os sorrisos, depois uma palavra, depois um beijo... e em breve essa creaturinha que o acaso nos deparou, fica sendo a nossa bem amada, a inspiradora dos nossos madrigaes.

O que acontece com a gente, aconteceu egualmente com o Mar.

Uma vez, ha muitos annos, esse pobre doido que passa os dias e as noites beijando freneticamente os rochedos ao mesmo tempo que faz oscillar os navios, uma vez, esse pobre doido avistou, lá na altura, uma pequenina estrella côr de oiro...

O triste Mar poz-se a olhar fixamente para ella com os seus olhos verdes, e d'ahi a pouco a tal estrellasita doirada correspondia aos seus soluços com um sorriso feito de luz.

Amaram-se.

Todas as noites, os dois amantes conversavam amorosamente,—elle dizendo-lhe uns galanteios voluptuosos e sensuaes,—ella respondendo-lhe ingenuamente como uma virgem de quinze annos...

N'uma noite, a estrella (a quem chamaremos Celia) apenas assomou ao balcão azul do firmamento, disse ao Mar, cheia de alegria:

—Boas noites, meu amigo; despertei agora mesmo e venho pedir-lhe uma coisa...

—Tu sabes, respondeu o Mar, como eu gosto de satisfazer todos os teus insignificantes desejos, todos os teus caprichos: e por isso pede-me aquillo que desejas, que eu terei muito prazer em servir-te.

—Pois bem, respondeu Celia entreabrindo os olhos doirados; já que te mostras tão condescendente para commigo, vou fazer-te o meu pedido com a maxima franqueza. Tu bem sabes que esta vida que eu passo no ceu é cheia de prazeres e delicias: aos meus ouvidos resoam as frautas celestiaes dos seraphins, os archanjos costumam roçar as suas azas de neve nas minhas tranças doiradas, os poetas fazem-me versos cheios de inspiração, emfim sou felicissima. Entretanto, meu amigo, apesar de tantas venturas, tenho um desejo insaciavel e ardente, que é o maior ideal da minha vida.

Esse desejo é casar-me. Sim, meu bem amado, quero casar-me quanto antes, e se conseguir realizar esta minha phantasia, então é que me considerarei verdadeiramente feliz! Já arranjei um bello noivo, um rapaz vigoroso e destemido que me adora delirantemente. Sabes quem é esse noivo? és tu.

Agora resta saber se não te desagrada a perspectiva de teres por esposa esta pobre Celia que te estremece doidamente...

—Ah! minha adorada filha, respondeu o Mar, quero ser o teu noivo, sim, mil vezes sim!...

Agora, minha leitora, não devo ser indiscreto, e por essa razão guardarei segredo do amoroso dialogo que se seguiu a esta scena reproduzida mais tarde no jardim dos Capuletos.

Apenas direi que os dois namorados resolveram casar-se de ahi a dois mezes.

No dia em que se completavam os dois mezes, Celia vestiu-se de noiva, e prompta para as bodas nupciaes, appareceu no azul acompanhada de duas pequeninas estrellas que lhe serviam de aias.

—A's suas ordens, disse ella para o Mar: chegou a hora do nosso casamento. Esta noite já dormirei comtigo no nosso thalamo florente e permittir-lhe-hei que me dê esses beijos que me tem pedido tantas vezes e que eu tantas vezes lhe tenho recusado.

—Perdão, minha querida, disse o mar cheio de tristezas: o nosso casamento só poderá realizar-se d'aqui a mais alguns dias, porque não tenho podido dispôr todos os preparativos para a nossa boda. Tenho honras de rei, como sabe: e por essa razão devo casar-me como os reis. As nossas bodas farão espantar todo o mundo, mas para isso é necessario esperar mais alguns dias.

—Paciencia... murmurou Celia.

E cheia d'essa tristeza cruel das noivas que se julgam trahidas, a pobre estrella escondeu dolorosamente a sua cabecinha doirada por detraz de uma pequena nuvem côr d'opala...

Passados alguns instantes, o Mar, que tambem ficára muito triste, ouviu uma voz que lhe dizia assim:

—Tenho a fazer-te uma proposta, ó Mar! Ha muitos annos que sinto por ti um amor illimitado e fogoso, e por essa razão quero casar-me comtigo.

—Mas quem és tu? perguntou o Mar.

—Sou o Doge de Veneza...

—Ah! Ah! Ah! gargalhou o Mar. Pois o Doge de Veneza quer casar commigo?

Esta não é má! O sr. está doido...

—Não estou doido, não, respondeu o Doge. Amo-te extraordinariamente e quero casar commigo. Pede tudo o que quizeres. Dou-te os meus palacios...

—Não quero, disse o Mar.

—Dou-te o meu dominio, continuou o Doge, dou-te quatrocentas naus carregados de ouro, emfim dou-te tudo o que possuo, mas quero casar commigo!

Então o Mar, esquecendo-se do amor de Celia e seduzido pela riqueza enorme que o Doge acabava de prometter-lhe, respondeu:

—Pois bem, serei a tua noiva!

—N'esse caso, murmurou o Doge, d'aqui a algumas horas realizar-se-ha o nosso casamento.

... Era uma linda noite... As estrellas rodeavam a lua branca e triste como um enxame de abelhas de oiro em volta de um cortiço de prata. Todas ellas pareciam satisfeitas e alegres.

Mas Celia, no meio d'essa multidão astral, chorava, dolorosamente, o seu amor atraído.

Vinha rompendo a manhã. Os astros tinham-se recolhido ás alcovas celestes do firmamento, e o Mar, em trajos de noiva, cantava um epithalamio.



Ao romper do sol o Doge mettu-se n'um navio nupcial todo enfeitado, todo cheio de flôres, que principiou a deslizar orgulhosamente nas aguas do golfo de Veneza.

A terra foi-se perdendo de vista a pouco e pouco...

Então o Doge subiu a popa do navio, e cravando os olhos no mar, lançou-lhe amorosamente o seu anel, como se fosse o symbolo dos seus esponsaes.

As ondinas cantavam ao longe uns bellos cantos mythologicos que tinham aprendido na Grecia... e os marinheiros soltavam grandes gritos atroadores, cheios de enthusiasmo.

O dia passou-se alegremente: e assim que anoiteceu, o Doge achando-se resolvido a gosar delirantemente os conhecidos prazeres da primeira noite nupcial, despiu as suas vestes e lançou-se ao mar, completamente nu!

Começou então a nadar voluptuosamente, figurando-se-lhe que cada onda era um seio de virgem. A sua carne palpitava ofegantemente e pela espinha dorsal corria-lhe um grande philtro estonteador.

E o Mar, ao contacto d'aquelle corpo nú que desliza nas suas agoas, sentia estremecimentos sensuaes de panthera e arqueava voluptuosamente, cheio de luxuria, o magnifico dorso coroadado de espumas.

No navio a marinhagem cantava e bebia alegremente.

Mas no meio do azul, a desditosa Celia chorava dolorosamente, cheia de ciumes...

O Mar e o Doge abraçavam-se um ao outro n'um grande delirio...

A noite estava deliciosa: e lá ao longe, para as bandas de Veneza, começavam a apparecer pequeninas punctuações luminosas de casaria que se illuminava...

E no entretanto, a desditosa Celia, a desgraçada victima d'esse funesto amor, exhalou o seu ultimo suspiro e atravessou o azul para nunca mais apparecer...

EUGENIO DE CASTRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O CONDE GIOVANNO SALINA ARMANCI

Foi o vencedor da *saison* de 1887, no tiro aos pombos, em Monte-Carlo, o feliz a quem coube o grande premio, sendo o mais novo de todos os atiradores inscriptos no Livro de Ouro dos Shooters.

O conde Giovanni Salina Armanci tem 21 annos de idade, é official do regimento de lanceiros de Milão e um caçador intrepido. Como atirador de gallinholas, só tem um rival, a bolonhez Giudicini, que ganhou o grande premio de 1886.

Conforme é sabido, Monte-Carlo é, n'este momento, o *rendez-vous* da alta sociedade europea espalhada sobre todo o littoral da Corniche. O tiro aos pombos constitue ali o passatempo favorito dos *sportmen*. Calcule-se pois o enthusiasmo com que elles victoriarão o vencedor da *saison*, tornado n'um momento o heroe do dia.

COURAÇADO «VASCO DA GAMA» VULGO O «PIMPÃO»

Representa a nossa estampa o unico navio de combate que hoje possui a marinha portugueza.

O *Pimpão* é um navio de ferro, medindo duzentos pés de comprimento entre perpendiculares, quarenta pés de bocca, vinte e cinco pés de pontal, duas mil quatrocentas e vinte e duas toneladas de deslocamento, mil quatrocentas e sessenta e tres toneladas de capacidade, cinco mil oitocentos e sessenta e seis pés quadrados de área da secção media, 17,6 de calado de agua a vante e 19, a ré.

É um bom navio da classe dos *arietes*, com reducto central onde monta duas peças de grosso calibre podendo atirar em caça directa.

A marcha do navio obtem-se por meio do duas helices, cada qual movida por sua machina de vapor independente, dando a força total de quinhentos cavallos nominaes e tres mil e duzentos effectivos, podendo alcançar a velocidade de treze milhas e dois decimos.

Tem o navio duas quilhas lateraes e dois fundos distanciados um do outro dois pés e meio; esse espaço é dividido em trinta e oito repartimentos estanques, e que se podem encher de agua do mar quando se queira immergir mais o navio.

Superiormente ao duplo fundo o casco do navio é protegido por uma facha ou cinta couraçada n'uma largura de dez pés. Esta couraça tem nove polegadas de grossura no sitio das caldeiras

e d'cresce para os extremos da prôa e popa até quatro polegadas. Todo o convez é couraçado com chapa de polegada e meia.

No plano da coberta e um pouco a vante do centro do navio, eleva-se um reducto, ou torre octogonal, que vem até tres pés acima da tolda. Este reducto é defendido por uma couraça de dez polegadas nas faces de vante, e de oito polegadas nas de ré.

É n'esse reducto e a coberto de uma tal couraça que estão collocadas duas grandes peças de aço, de carregar pela culatra, systema Krupp, do calibre de vinte e seis centimetros e do peso de dezoito toneladas cada uma, e medindo cinco metros e dois decimeiros.

D'esta succinta noticia conclue-se facilmente que o *Pimpão* é um magnifico navio, que está a par de qualquer outro da sua classe, e que com as suas duas peças Krupp e o seu esporão, está no caso de combater, como poderão hoje fazel-o todos os navios das outras marinhas, que tem *pimpões* maiores mas não os tem melhores e mais bem construidos.

UM APRENDIZ DE GATUNO

Demorem um pouco a vista n'aquelle garoto, dêem largas á imaginação, e digam-me se o quadro lhes não accordou n'alma nenhuma reflexão, nenhuma recordação triste ou alegre, nenhum problema mais ou menos philosophico?

Os quadros de genero, parecendo resumirem-se na representação de um typo, de uma scena da vida real, vão ás vezes mais longe, e dão-nos thema para larguissimas considerações.

Leiam nos olhos d'aquelle garoto ao mesmo tempo a esper-teza e a velhacaria. vejam n'aquella phisionomia os traços que denunciam uma creatuaa desde já entrada no caminho que leva ao vicio e á depravação, architectem depois qualquer historia para lhe explicar o passado e deixem correr á solta a imaginação para lhe traçar o futuro, e terão um romance completo, entremeiado de não sei quantas questões philosophicas e sociologicas. Não supponham que os vamos acompanhar em semelhantes cavalgadas pelos dominios da imaginação. Ahí é melhor que cada um corra á vontade e sem guia. Se o pintor houver conseguido, a par de uma bella obra, levar, por alguns momentos, a cada um dos que a examinam, ás regiões do ideal, ou á contemplação de algum grave problema, que mais lhe poderemos pedir?

Ora o rapazito póde não merecer tamanha honra. É certo que elle vá por mau caminho; provavelmente acabou de furtar aquelles immensos nabos, vae mettel-os no sacco, e parece na melhor disposição de responder com uma careta de garoto ao primeiro que lhe appareça a tomar-lhe contas do seu procedimento. Mas quer encaremos o quadro na sua simplicidade artistica, quer procuremos achar n'elle thema para discorrer pelos campos da phantasia, o que é innegavel é que ha ali muito que admirar na correcção do desenho, na naturalidade da figura, na expressão da phisionomia.

TYPOS DA COSTA D'AFRICA

A nossa gravura representa varios typos da costa d'Africa. A' esquerda e á direita do observador, notam-se tres mulheres timanias, de estatura agigantada, membros fortes e musculosos, seios opulentos e rijos. No centro acham-se dois marabutos mandingues, com as suas longas capas brancas sobre os hombros, e cinco guerreiros mandingues. Os do primeiro plano estão assentados no solo, e um do segundo plano monta um bello ginete.

Todos estes typos são curiosissimos.

Os marabutos mandingues percorrem incessantemente as povoações do interior da costa d'Africa, estabelecendo escolas e combatendo as superstições locaes.

MARABUTOS DA GORÉA

São os professores da Goréa, na costa d'Africa. Abrem escolas em cada aldeia, principalmente frequentadas pelos rapazes, a quem ensinam a ler e a escrever em caracteres arabes, e a quem fazem recitar versiculos do alcorão. A isto e só a isto se limita a instrucção que lhes ministram.

## AO VENTO

(PRELUDIO DOS «CANTOS AO VENTO»)

Ó Vento, tu que dás ao mar embravecido  
A valanches d'espuma enormes, collossaes,  
Que levantas ao céu nos echos de um rugido,  
É atiras sobre a praia em rolos de crystaes;



TYPOS DA COSTA D'AFRICA

H. L. DERRAND

Tu que passas medindo os largos continentes  
Com um simples abrir das tuas grandes azas,  
E que tens o silvar agudo das serpentes,  
Quando arrancas do chão as arvores e as casas;

Tu que levas, abrindo as tuas azas negras,  
O perfume da flor quando a manhã orvalha,  
As últimas canções das velhas toutinegras  
E o troar dos canhões nos campos da batalha;

Tu que fazes n'um sopro as grandes derrocadas,  
Mas que poupas também, na tua furia enorme,  
A planta que vegeta á beira das estradas,  
E a carita de colmo onde a creança dorme;

O' Vento, ó portentoso e athletico gigante,  
Recebe este meu livro, e vae depoi-o, emfim,  
Sobre o collo gentil da minha linda amante,  
Quando ella estiver só, quando pensar em mim!...

Lisboa, 1887.

EÇA DE ALMEIDA,

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

(Retribuição a I. L. Perpetua)

No mar esta interjeição é homem—1—1.  
Aqui, na estrada e no campo, está esta prisão—1--1—2.  
No homem, na floresta e no mar—2—1  
Aqui, este instrumento da musica é animal—1—1—1.  
Na Biblia, aqui, além e na musica está esta ave—1—1—1—1.  
Pronome, homem e peixe—1—2.

Leiria

JOSÉ DE SOUSA BENTO JUNIOR.

CHARADA EM VERSO

(Retribuição ao ex.<sup>mo</sup> sr. Matheus Junior)

Que façol... Pois não o sabe,  
illustre senhor Matheus?!  
Namoro duas velhotas,  
Dois perfeitos camapheus!

Uma, porém, d'estas duas  
—Pasmae, oh! castas donzellas—  
Já foi antiga Abbadessa  
No convento d'Odivellas!—1

A outra, qu'é mais novata,  
E mui feia, santo Deus!  
Foi n'outros tempos rainha,  
Governando estados seus!—2

Alheiado a estes monstros  
Por uns grossos cabedaes,  
Passo a vida alegremente  
Em continuas bacchanaes!

Ultima letra trocada,  
Por outra também vogal;  
Sae do peito e sôa sempre  
Como nota musical.—1

Troque a prima n'esta parte,  
Seguindo a regra geral;  
E do peito a vé saindo  
Como nota musical.—1

Ainda a prima trocada,  
Ou se quer troque a final,  
E, verá que ainda sôa  
Como nota musical.—1

Esta agora, sem ter trocas,  
Inda é nota; tal e qual;  
E' do peito e sôa ainda,  
Como nota musical!—1

Com estas trocas baldrocas  
De mil notas musicaes,  
Mostrei-me ousado, atrevido,  
Como os antigos Cabraes!

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

### Enigma

Retribuição ao distinctissimo charadista viziense, Pequeno Antoninho

Caro Antoninho:

Houve engano;  
Saiba que a tal charadinha,  
Que gentilmente agradece,  
Não é minha.

A sua retribuição  
Pertence,—quem tal diria!—  
Ao sr. Monteiro Junior  
De Leiria.

Um enigma bem singelo  
Aqui lhe vou offertar,  
P'ra ver se será capaz  
De o matar.

Atchim! atchim! oh meu caro!  
*Excusez-moi*, por quem é;  
Que quer? dou o cavaquinho  
P'lo rapé.

Eguaeas são, segunda e quinta,  
E também sexta e primeira,  
E a quarta, por certo igual,  
A' terceira.

Sempre o mesmo significa  
—E' ccisa bem divertida!—  
Embora a palavra seja  
Invertida.

Tem muito que caminhar,  
Porque só na India ingleza  
O todo vae encontrar  
Com certeza.

Atchim! atchim! oh meu caro  
*Excusez-moi*, por quem é;  
Que quer? dou o cavaquinho  
P'lo rapé.

MATHEUS JUNIOR.

### Logogrifo

Retribuição a Antonio R. Brancal

N'esta villa portugueza, } 1, 5, 3, 4, 10  
Eu já vi, nos fins d'abril, }  
Serpeando n'um regato, } 1, 5, 3, 4, 2  
Um nojento reptill! }

Tambem vi—e caso raro—, } 4, 2, 6, 1, 10, 3  
Nosannaes do pensamento!— }  
Este deus a fazer papas } 4, 10, 9  
Pr'a certo medicamento! }

Inda mais!—e póde crel-o, } 4, 2, 7, 10  
Que nada d'isto é mentira; }  
Certo sujeito cantou-a, } 10, 3, 8, 10  
Em notas, ao som da lyra. }

Eu, porém, admirado,  
Por estas proezas suas,

Agarrei n'um bom machado,  
E d'um tonel tirei duas!—7, 8, 6, 10, 1

Depois...—que tollice a minha—  
Colloquei sobre uma véla  
Tres lumes; e com tres braços,  
Arrombei uma costella!

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

### Problema

Escrevendo uns ao lado dos outros os numeros da serie natural, desde 1 até 1 billião, inclusivé, e collocando successivamente cada um dos algarismos d'estes numeros sobre o equador á distancia de 1 metro, a partir d'um ponto qualquer; pergunta-se que espaço occuparão sobre o equador todos estes algarismos.

MORAES D'ALMEIDA.

### Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Pedante—Dormente—Via—Viado  
—Ultramar—Vidama—Batata—Dobrado—Brigador.

DA CHARADA EM VERSO:—Daris.

DO ENIGMA:—Se quereis ganhar o galardão, deveis primeiramente matar o enigma e depois decifrar a charada em quadro formada por um reptil, um arbusto, uma arma antiga e uma cidade de Hespauha.

— — — —  
— — — —  
— — — —  
— — — —

DO LOGOGRIFHO:—Familiares do Santo Officio.

### A RIR

Falla-se, n'uma sala, a respeito dos diversos modos de suicidio empregados pelos que dese-peram da vida.

Um sabio da sociedade lembra que, antigamente, os escravos se asphyxiavam, engulindo as proprias linguas.

—Ahi está um genero de morte que me convém, diz a senhora M... Adoptal-o-hei de bom grado quando quizer passar d'esta para melhor.

—Mas então, não seria morrer por asphyxia, rosna uma das suas amigas: seria morrer por envenenamento.

### UM CONSELHO POR SEMANA

TINTURA PRETA PARA O CABELLO

Nitrato de prata, 28 grammas; agua, 170 grammas. N'um frasco azul.

Sulphureto de potassium, 18 grammas; agua, 170 grammas. Mordente em frasco branco.

O mordente deve ser conservado em frascos hermeticamente fechados, e applicado com uma escova, deixa-se seccar e dá-se-lhe a solução do nitrato de potassa.

### CEGUEIRA E AMOR

O Matheus, lavrador abastado, mas com um estreito horisonte intellectual, não tinha senão um sonho doirado, e esse era fazer padre o filho unico.

Sabem o que é um filho unico em casa de um lavrador abastado e cabeçudo? E' o seu morgado, o seu brazão, o segundo tomo da sua individualidade. Mostra-o com orgulho aos moços da lavoura, ao administrador do concelho, á frequezia.

O Matheus teve a infelicidade de perder muito cedo a sua cara metade, e toda a concentração do seu affecto poisou no filho.

Porque, a mania de o fazer padre?

O caso explica-se. Homem essencialmente severo e imminetemente religioso, tendo mordido o pomo do poder local em mais de uma investida na junta de parochia e varias confrarias; conhecera de perto a influencia e a importancia do parochio, junto aos bons ganchos que elle fazia.

O cura do logar era rico; alem d'isso era padrinho do rapaz e muito seu affeioado. Em conversa intima com o Matheus, revelara-lhe o ardente desejo de ver o pequeno seguir a carreira ecclesiastica, ser nomeado seu coadjutor, succeder-lhe de futuro no curato e nos bens, pois que não tinha parentes chegados. Tornar-se emfim um potentado local, um homem feliz e tranquillo, gosando d'essa suave paz que se encontra á sombra do presbyterio, quando se não é ambicioso.

Sorrira ao pae a perspectiva, e decidiu logo encaminhar a educação do pequeno para esse ancedo *desideratum*.

Principiou o padre por lhe ensinar as primeiras letras, e foi um dia de jubilo quando o Joaquim veio a Santarem fazer as suas primeiras armas litterarias no exame d'admissão.

Depois, entrou para o seminario. Quando tal facto succedeu, era já um homemsinho de 15 annos, forte e desempenado, sem malicia nos seus olhos de um azul celeste e com duas rosetas nas faces, como uma donzella.

O internato no seminario não o molestava. Costumado a obedecer, era uma maravilha como elle aprendia o latinorio, os segredos lithurgicos, todo o velho arsenal rhetorico e metaphysico.

As suas cartas eram notaveis pela gravidade e uncção religiosa. Edificavam o cura e o pae.

—Está-se ali a fazer um homem! exclamava o lavrador, comovido de satisfação.

—Amen! respondia invariavelmente o cura.

Mas Deus escreve direito por linhas tortas, e todos estes formosos castellos iam esboroar-se ao sopro do destino.

Um dia, dia fatal, d'estes que marcam na existencia o ponto de definitiva partida para a larga estrada do futuro, havia uma festa de estrondo no seminario, por causa da visita do patriarcha. Creados, seminaristas, professores, andava tudo n'uma roda viva. Não fosse sua eminencia notar algum defeito, alguma falta d'attenção, alguma cousa digna de censura. E suavam os pobres diabos por todos os poros, já a enfeitar a egreja, já a arranjar as luminarias, já a decorar as poesias e os discursos laudatorios.

Velhas beatas, enviavam montanhas de flores e rosmaninho; serviços riquissimos de meza; moveis opulentos para os aposentos de Sua Eminencia

\*  
\*  
\*

Chegou o dia, e as chronicas da terra guardam memoria do esplendor da festa, como nunca se viu em Santarem.

O nosso seminarista cantava no coro com a sua magnifica voz de tenor e teve os elogios de toda a gente. Ao acabar a festa, o pae abeirou-se d'elle e disse-lhe que no claustro estavam algumas familias da sua terra, que desejavam muito abraçal-o. O rapaz não se fez rogado e acompanhou com satisfação o pae. Não tomou, porem, a menor precaução. Estava a suar. Conversou bons 20 minutos ao ar livre, eom o desdem pela saude, proprio de um homem creado no campo.

Mas a vida sedentaria que levava ha tres annos, junto do esforço intellectual que empregava no estudo, havia modificado a sua rija tempera. O ar do seminario não era o do campo. Os exercicios phisicos tinham de ha muito acabado. Effeminara-se, sem dar por tal.

N'esse mesmo dia á noite, sentiu uma forte dor de cabeça, que nunca mais o largou. Passados mezes, principiou a sentir dores nos olhos e uma certa opacidade. Alarmado, consultou um medico que, depois de o examinar e de o ouvir, lhe recommendou que cessasse immediatamente toda a applicação ao estudo e á leitura se não queria ficar cego em breve.

Espantado com tão terrivel noticia, mandou chamar o pae. Calcule-se a consternação d'este. Levou-o para a aldeia a ver se o repouso e os ares do campo faziam bem ao pequeno, como elle dizia, entre lagrimas, julgando que se tratava simplesmente de descanso.

A doença, porem, progredia e a vista do Joaquim obscurecia-se cada vez mais.

O cura teve então uma idea. Trazer o rapaz a Lisboa e mostrar-o a um especialista. Foi dito e feito. O especialista, como homem que sabe do seu officio, não decidiu nada, mas disse que o ia sujeitar a um tratamento rigoroso e que o doente precisava, para esse fim, residir na capital. Outra difficuldade. Nem o pae, nem o padre podiam abandonar as suas casas.

Lembrou-se o padre de um antigo condiscipulo e que era então professor do lyceu. Foi procural-o e pintou-lhe a situação. O amigo objectou-lhe que tinha uma filha de 18 annos em casa e que não podia ter hospedes; mas o padre desfez todos os escrúpulos e o doente foi morar para casa do professor.

A familia do professor compunha-se d'elle, a esposa, uma filha unica, e uma creada. Viviam modestamente, mas sem miseria, porque elle auferia bons interesses em lições particulares e tinha o cuidado de escrever compendios e fazel-os adoptar como o *non plus ultra*, pelos seus discipulos.

Era uma boa familia, e o Joaquim, que, apesar de estimado pelo pae, estava comtudo habituado á sequidão do seminario e

da casa paterna, ficou enleiado com a infantil meiguice da filha do professor e com a doçura de trato da mãe.

Com o professor é que alimentava grandes discussões, por causa dos methodos de ensino. O professor completamente leigo em materias ecclesiasticas e esquecendo-se de que o Joaquim aprendia para padre, vociferava contra o systema d'ensino do seminario. O Joaquim, pelo seu lado, achava revolucionario, impio e deficiente todo o ensino dos lyceus.

Eram questões tremendas ao almoço, ao jantar e á ceia; mas por um phenomeno muito particular nas almas boas, estas discussões, longe de afastarem os dois antagonistas, mais os prendiam um ao outro com um laço de amizade sincera. O segredo era o seguinte: o professor nunca tinha podido discutir á mesa em eguaes assumptos com a familia, porque esta não o comprehendia. Conversava pois em banalidades arrancadas aos periodicos. A presença do hospede, rapaz intelligente e estudante, desferrujara-lhe a lingua, e o bom do professor pagava-se em capital e juro, do silencio a que se vira anteriormente obrigado.

Se á perspicacia, porém, das mulheres, escapava a sua propria ignorancia, defeito que nunca ninguem conhece em si proprio; o que não escapou, foi o intimo laço de solidariedade que se apertava dia a dia entre aquelles dois homens.

Exultava com isto a esposa do professor, não só porque estimava o rapaz e tinha immenso dó d'elle, mas porque via o marido mais alegre e comendo melhor.

Pelo seu lado, a menina Angela, que principiava a nutrir pelo

O desgraçado rapaz, com mão firme, empunhava uma navalha de ponta e móla, e collocando a ponta direita ao coração, estava já disposto a ferir-se. Dos seus olhos corriam lagrimas em fio e os labios pareciam murmurar uma oração.

Como pôde elle adquirir a navalha? Não pensou n'isso sequer, a pobre menina.

Rapida como o pensamento, a Angela quebrou um vidro com um soco e gritou-lhe desvairada:

—Suspende, em nome de Deus!

Ao ver-se descoberto, o Joaquim não perdeu a serenidade, essa medonha serenidade dos suicidas, que desejam pôr termo á vida por motivo de molestia incuravel. A navalha, aguda como um punhal, apoiada na carne do peito descoberto, havia picado levemente a epiderme, talvez devido ao sobresalto que elle sentira quando ouviu partir o vidro. O sangue gottejava, vindo tingir a camisa.

A' vista do sangue, a filha do professor, aquella franzina creatura que parecia feita de seda, saltou abaixo da banca e recuando com esta até ao meio do quarto, levou-a com tal violencia de encontro á porta, que esta, de si fraca, abriu ao meio em duas.

Em seguida, precipitou-se no quarto do Joaquim e correndo para elle, arrancou-lhe a fatal navalha e arremessou-a pela janella fóra. Depois, collocando-se diante d'elle, e tomando-lhe as mãos, apertou-lh'as com força e soltou de dentro do peito, n'um supremo arranco de paixão, estas palavras :



MARABUTOS DA GORÉA

Joaquim um sentimento mais doce do que a compaixão do primeiro momento, exultava por esse secreto motivo, com a amizade do pae pelo hospede.

\* \* \*

A doença é uma cousa terrivel. O infeliz Joaquim cada vez via menos. A noite medonha da gotta serena ia estendendo para elle o seu manto lugubre.

Todos os doirados e risinhos panoramas da creação iam prestes desaparecer n'essa mysteriosa e eterna treva do corpo.

O desespero do pobre rapaz era cruelissimo. Novo e gentil, e cegar aos 18 annos d'idade!

Mais de uma vez a solicitude da formosa Angela, que lhe adivinhava os intentos, evitara que elle se suicidasse. Foram-lhe retiradas do quarto todas as facas, canivetes, thesouras, tudo quanto podesse servir d'arma. O guarda nocturno tinha ordem de vigiar constantemente a janella do quarto, com receio de que elle de noite se precipitasse á rua. De dia, não o podia fazer, porque era vigiado constantemente.

Um dia em que estava mais preocupado, a Angela teve uma suspeita e seguiu-o disfarçadamente. Sentiu-o fechar-se por dentro e presentindo uma catastrophe, correu a prevenir a mãe. Voltaram ambas e collocando uma banca encostada á porta e sobre ella uma cadeira, subiu a Angela e pôde ver pela bandeira da porta um espectáculo terrivel.

—Ouves?... Não quero que morras! Não quero!...

Era a primeira vez que o tratava por tu.

O Joaquim, surprehendido com o tom e as maneiras da Angela, que a mostravam sob um aspecto inteiramente novo, abria desmesuradamente os olhos para lhe lér na physionomia; mas era em vão, porque estava quasi cego. O calor escaldante das mãos d'aquella creatura e o seu tremor nervoso, diziam-lhe, porém, tudo. Não obstante, quiz certificar-se, e respondeu com uma rudeza fingida:

—Mas porque razão me impede de acabar com esta miseravel existencia?

—Porque? respondeu Angela, n'um tom singular.

—Sim, porque?

Então a bondosa rapariga, abraçando a formosa cabeça do Joaquim, e puxando-o docemente para si, murmurou-lhe ao ouvido, mas com a voz tão sumida pelo pudor, que elle quasi a não ouvia:

—Porque te amo!...

O Joaquim sentiu vergarem-se-lhe os joelhos pelo poder da commoção, e estreitando a Angela, freneticamente ao seu peito amplo e robusto, confundiu-os a ambos o mesmo primeiro beijo.

Hoje, são felizes.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica